

AS NOVAS PAREDES SONORAS

Paulo Borges¹

Resumo

Nos vagões do metrô, nos aeroportos, nas ruas e avenidas, é cada vez maior o número de usuários de equipamentos informáticos. Falam ao telefone, trocam mensagens e navegam pela internet. Com fones de ouvido escutam seus arquivos de áudio sem perceber os sons e ruídos da ecologia acústica ao seu redor. Motores, tráfego, buzinas, ar-condicionado, alto-falantes, gritos... Estão sendo erguidas paredes sonoras? Tornamos-nos surdos intencionais?

Palavras-chave: Parede sonora. Ruído. Espaço Acústico. Desterritórios.

Introdução

Nas principais cidades do mundo é cada dia mais numerosa a quantidade de pessoas em trânsito conectadas a seus aparelhos de telefonia móvel celular. Ligadas a seus equipamentos por fones de ouvidos de variadas cores, escutam seus arquivos de áudio, falam ao telefone, vêem filmes ou fotos, navegam pela internet sem perceber ou interagir com o espaço público pelo qual estão circulando. São jovens, idosos, adultos de todas as classes sociais, credos e raças.

Ainda não se sabe se o uso contínuo dessas tecnologias causará danos à audição, e tampouco será por esse viés que analisaremos esse fenômeno. O que se pretende nesse trabalho é compreender se além das evidentes questões mercadológicas e culturais - de consumo ou modismo - essa nova maneira de usar equipamentos informáticos no espaço público, “desconecta” ou não o sentido da audição desse usuário e cria barreiras sonoras.

Mais do que saber o porquê ou o quê se escuta, existe a necessidade de saber o quanto esse comportamento pode interferir na vida e na percepção desses cidadãos e das cidades. Essa mudança transforma a noção de atenção ou de contemplação? E a relação desses indivíduos com seu meio ambiente?

¹ Mestrando em comunicação na Faculdade Cásper Líbero. pauloborges@prospecto.com.br

Quais as consequências dessa circulação pelas paisagens sonoras das cidades? Como se dá essa vivência? E os sons e os ruídos dessa ecologia acústica, o que pode acontecer a eles? Estão sendo percebidos? Motores, tráfego, buzinas, ar-condicionado, alto-falantes, gritos...

Essas são algumas das questões que se pretende analisar nesse trabalho.

Avanços Tecnológicos e Cultura Midiática

Não é novidade o quanto os inventos na área de comunicação alteram a vida social das pessoas: escrita, imprensa, telefone, rádio, televisão, computador, internet... Criando novas linguagens, diminuindo distâncias, unificando as comunidades numa “aldeia global”, disponibilizando em tempo real informações e documentos de forma ágil, rápida e instantânea.

Em se tratando de internet, a evolução tem sido no sentido de propiciar mais mobilidade ao usuário. Para atender essa demanda, ocorreu a convergência de diversos suportes midiáticos para um mesmo aparelho. Porém, não é suficiente supor que essa convergência se limite às questões tecnológicas da reunião dessas várias funções (celular, telefone, rádio, tv, etc). É preciso compreender que “convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.” (JENKINS)

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2008, pp. 27-28)

É nesse ambiente hipermidiático digital que ocorre uma revolução da informação e da comunicação e conseqüentemente da cultura. O fato é que as mudanças ocorrem em velocidade voraz, transformando o que há pouco era novidade em algo defasado daqui a instantes e gerando uma dependência por novas informações.

Em estudo recente, a pesquisadora Lúcia Santaella investigou as transformações impressionantes pelas quais a cultura vem passando. Reconheceu a enorme complexidade das sociedades atuais e destacou que as concepções que se tinham sobre produção cultural e arte estão sendo redefinidas a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e de difusão eletrônicos de massa. Santaella constatou que “depois

deles, tudo na cultura foi virando mistura”. Ao contrário do que se previu, os meios de massa reconfiguraram as formas de cultura mais tradicionais ao invés de provocarem o seu desaparecimento.

Longe de terem usurpado o lugar social dessas formas de cultura, os meios de comunicação foram crescentemente se transformando em seus aliados mais íntimos. Isso se dá porque, na produção cultural, os meios de comunicação também desempenham a importante função de meios de difusão. (SANTAELLA, 2003, p. 57)

Santaella sugere o emprego da expressão “cultura midiática” por sua dinâmica se revelar uma aceleração de trocas, misturas, tráfegos entre as diversas formas, espaços e tempos da cultura. Um exemplar da cultura pós-moderna.

Embora o termo e sua abrangência sejam consensuais, ainda estamos longe de um consenso quanto às formas, gêneros e códigos culturais a que a expressão “cultura midiática” pode se aplicar e quanto a dinâmica cultural que as mídias instauram. Embora muitos empreguem a expressão “cultura midiática” de modo generalizado e indiscriminado, cumpre esclarecer que tomo essa expressão como sinônimo de “cultura das mídias”. (SANTAELLA, 2003, p. 54)

A cultura midiática facilita o tráfego mais fluído das diversas formas de cultura, estabelece novas dinâmicas e apaga eventuais fronteiras entre as diversas identidades. Alinhada com a nova ordem econômica e globalizada da era pós-industrial, a cultura midiática “é peça para compreender os deslocamentos e contradições, os desenhos móveis da heterogeneidade pluritemporal e espacial que caracteriza as culturas pós-modernas”. (SANTAELLA, 2003)

Fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informação impulsionada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e de cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura. (SANTAELLA, 2003, p. 60)

Essa cultura digital necessita da circulação incessante de informação, seja ela: imagem, som, texto ou vídeo. Um fluxo contínuo de informação através das redes informáticas para satisfazer a própria rede. O uso desses equipamentos de produzir-consumir informação tem revolucionado a forma de pensar a técnica. A partir delas, as

noções de tempo e lugar ganharam novas concepções. Uma nova linguagem, mais universal, tem sido criada e novos valores e comportamentos também.

(...) se trata ao mesmo tempo de movimentos que são de integração e de exclusão, de desterritorialização e realocização, nicho no qual interagem e se misturam lógicas e temporalidades tão diversas como as que se entrelaçam no hipertexto, as sonoridades do relato oral com as intertextualidades da escrita e as intermodalidades do audiovisual. (BARBERO in OROZCO, 2006, pp.83)

A hora e a vez dos smartphones e tablets

Estudo recente divulgado pela Ericsson ConsumerLab² (Pesquisa de Banda Larga Móvel para Uso Profissional³) nos dá conta da preferência entre os usuários de serviços de banda larga pela modalidade móvel. Essa tendência se notou a partir da aceitação e utilização dos usuários com perfil profissional:

De acordo com os resultados da pesquisa, os usuários elencaram quatro motivos essenciais para estarem sempre conectados: controle, envolvimento, capacidade de se mostrar eficientes e independência. Além disso, 72% disseram que mobilidade é essencial para se manterem conectados durante todo o dia de trabalho e 92% acreditam que é importante ter banda larga móvel disponível para uso em qualquer lugar. (Terra, 2011)

Ainda segundo o estudo da Ericsson ConsumerLab, do total de acessos ao serviço de banda larga, 60% já são feitos através de aparelhos de multifunções (smartphones e tablets), enquanto o restante dos 40% acessam por laptop. A leitura dos demais dados dessa pesquisa nos apresenta uma informação curiosa: os usuários acreditam que a facilidade de conexão lhes proporciona liberdade para acessar a internet em todos os lugares e a qualquer instante. Portanto, se a facilidade da conexão é para usar em favor do ambiente de trabalho, que liberdade é essa se agora já não se cumpre horário defenido de expediente e ele está disponível 24 horas por dia para o trabalho?

Michael Björn, responsável pelo ConsumerLab, destaca que:

² O Consumer Lab é uma área da Ericsson com mais de 15 anos de experiência em pesquisas de comportamento de consumo em serviços de comunicação.

³ A pesquisa “Banda Larga Móvel para Uso Profissional” faz parte de um estudo global feito com cerca de 1900 usuários de banda larga móvel com perfil profissional em todo o mundo, em mais de 12 países. Foram levados em consideração três dispositivos: laptops, smartphones e tablets, sendo que os dois primeiros foram identificados como complementares um ao outro.

Os consumidores aderiram aos aplicativos de smartphones naturalmente. O acesso direto e o formato touch via ícones escondem a complexidade dos serviços de internet. As pessoas agora estão dispostas a explorar várias áreas novas da vida cotidiana que se beneficiam da conectividade. (...)A conectividade está se tornando uma parte crescente de suas atividades diárias. (ADNews, 2012)

A facilidade para aquisição dos aparelhos multifuncionais e a diminuição dos custos para acesso ao serviço de banda larga móvel aumentou a base de usuários. E é a partir dessa utilização que se percebe que um novo ciclo histórico e comportamental se inicia. O usuário de banda larga saiu da frente do computador e acoplou o equipamento a seu corpo, como sua extensão. Está mais livre, porém, mais controlado, agora com o aparelho móvel em suas mãos ou conectado a seu ouvido.

Cada invenção tecnológica remodela toda a semiosfera, ou seja, todo aquele universo de signos, imagens e textos que sustenta o rico e diversificado projeto cultural do homem, obrigado a reformatar o conjunto de potencialidades com as quais se confronta com o mundo. (MININNI, 2008, p. 48)

Esse novo modelo comunicacional estimula a hierarquização dos sentidos ainda mais, colocando em evidência: audição e visão.

A primazia dos sentidos da audição e da visão como redutos de legitimidade daquilo que se percebe cada vez mais virtual e multidimensionalmente, mas que supõe uma distância. E quanto mais distância, mais mediações. (OROZCO, 2006, p. 83)

O que precisa ser considerado a partir desse instante é que essas mediações ao mesmo tempo em que diminuem as distâncias entre as pessoas criam desterritórios⁴ e revelam a necessidade de se readequar a concepção de espaço acústico. Afinal, o usuário desses equipamentos multifuncionais quando está com seus fones no ouvido, o seu espaço acústico não tem nenhuma relação sonora/acústica com o espaço visual em que está inserido.

O sistema de som quadrifônico tornou possível uma paisagem sonora de eventos sonoros estacionários ou em movimentos de 360 graus, o que permite simular no tempo e no espaço qualquer som do ambiente, como também permite a completa transposição do espaço acústico. Qualquer ambiente sonoro

⁴ Diferente dos 'não-lugares' (Marc Augé) ou 'cidade genérica' (Rem Koolhaas) os *desterritórios* são recriações espaciais ou deslocamentos sensoriais de um indivíduo do ambiente em que está inserido fisicamente a partir do estímulo, utilização ou mediação de um equipamento tecnológico.

pode agora transformar-se em qualquer outro ambiente. (SCHAFER, 2001, p. 134)

Por outro lado, se entendermos que “o espaço acústico de um objeto sonoro é o volume de espaço no qual o som pode ser ouvido” (SCHAFER, 2001, p. 299) e que o crescimento da população mundial e sua capacidade de produzir sons aumenta a cada dia, a utilização do fone de ouvido surge como uma interessante ferramenta para amenizar a situação acústica caótica que já se constata, tomado como referência o nível de poluição sonora medido nas médias e grandes cidades.

A parede sonora para um mundo controlado

Quando nos referimos ao fato de que o foco dessa análise se daria no campo da percepção auditiva e da relação desse usuário de fones de ouvido com o espaço acústico em que está inserido, é porque ao colocar os fones em seu ouvido ele cria para si uma parede sonora e se religa a outro espaço acústico repleto de contradições: autônomo, controlado, manipulado, modificado ou até quem sabe ignorado ou descartado por ele próprio.

A percepção está no centro das transformações presentes e futuras, no âmbito da comunicação, cada vez mais estimulada pela mediação tecnológica. (OROZCO, 2006, p. 89)

Em seus estudos sobre ambientes acústicos nos anos 70, Schafer⁵ analisou a influência do rádio na paisagem sonora mundial. Sua pesquisa se mantém atual e serve de referência para nossa análise. Schafer nos conta o impacto que o rádio causou nas comunidades que antes eram “definidas pelos sinos e gongos do templo” e passaram a ser medidas pelo transmissor do rádio local.

O rádio foi a primeira parede sonora, encerrando o indivíduo com aquilo que lhe é familiar e excluindo o inimigo. Nesse sentido, ele tem relação com o jardim do castelo da Idade Média que, com seus pássaros e fontes, opunha-se ao ambiente hostil da floresta e do deserto. O rádio, na verdade, tornou-se a canção dos pássaros da vida moderna, a paisagem sonora “natural”. (SCHAFER, 2001, pp. 137-138)

Schafer avalia a evolução sonora e as transformações do formato radiofônico e estabelece um paralelo entre o aumento da velocidade nas cidades e o ritmo das programações adotados pelas emissoras predominantemente musicais. A produção e veiculação de matérias mais flexíveis, atraentes, dispersos e superficiais, produzem “um

⁵ R. Murray Schafer – A Afinação do Mundo (Unesp, 1997)

estilo de vida comercial que é divertido”, frenético e rápido. O silêncio nessas emissoras raramente é percebido. Esse estilo de rádio não descansa, só pulsa, e “tornou-se uma parede sonora”.

A indústria tem se esforçado para oferecer produtos com qualidade de definição de imagens cada vez melhores, por que, então, os usuários de serviço móvel não se importam com a diminuição na qualidade em termos sonoros do que estão ouvindo?

Quando os ritmos da paisagem sonora se tornam confusos ou erráticos, a sociedade mergulha em uma condição desleixada e perigosa. (...) a paisagem sonora não constitui um derivado acidental da sociedade; ao contrário, é uma construção feita deliberadamente por seus criadores, uma composição que se pode destacar tanto por sua beleza como por sua fealdade. Quando uma sociedade é inepta em relação aos sons, quando não entende os princípios de decoro e equilíbrio da produção sonora, quando não compreende que há um tempo para produzir e um tempo para calar, a paisagem sonora resvala de uma condição *hi-fi*⁶ para uma condição *lo-fi*⁷ e por fim se autoconsome em cacofonia. (SCHAFER, 2001, p. 329)

Ao construir essa parede sonora com seu fone de ouvido, esse usuário busca no espaço público delimitar a sua área acústica privada, controlando seu espaço sonoro na tentativa de se proteger das interferências externas de paisagens sonoras que lhe fogem de controle.

O último espaço acústico privado é produzido pelos fones de ouvido, pois as mensagens recebidas por meio deles são sempre propriedade privada. Head space (espaço da cabeça) é uma expressão popular entre os jovens e refere-se à área da mente que não pode ser alcançada por nenhum telescópio. As drogas e a música são o meio de provocar a entrada nesse espaço. No espaço da cabeça, na audição com fones de ouvidos, os sons não apenas circulam em volta do ouvinte mas, literalmente, parecem emanar de pontos situados dentro do próprio crânio, como se os arquétipos do inconsciente estivessem conversando. (SCHAFER, 2001, pp. 171-172)

A facilitação de conexão às redes sociais através dos aparelhos móveis facilita a mobilidade do usuário que se “liberta” do computador plugado a rede por cabos. Essa “liberdade” trouxe para o seu trânsito, para o seu deslocamento uma contradição que é o

⁶ *Hi-Fi* – abreviação de alta fidelidade (*high fidelity*), isto é, uma razão sinal/ruído favorável. O uso mais geral do termo ocorre em eletroacústica. Aplicada aos estudos da paisagem sonora, um ambiente *hi-fi* é aquele onde os sons podem ser ouvidos claramente, sem estarem amontoados ou mascarados. (SCHAFER, 2001, p. 365)

⁷ *Lo-Fi* – abreviação de baixa fidelidade (*low fidelity*), que é uma razão sinal/ruído desfavorável. Aplicado aos estudos da paisagem sonora, o ambiente *lo-fi* é aquele em que os sinais se amontoam, tendo como resultado o mascaramento ou a falta de clareza.

fato de através do isolamento sonoro esse usuário conectado se sentir parte da rede interagindo virtualmente e ignorando o ambiente acústico imediato.

Não obstante, interessa-me destacar que é precisamente a socialidade que está sendo mais afetada com as determinações introduzidas pelas mudanças tecnológicas, já que, como afirma Echeverría (1999), os novos serviços on line pressupõem novas dependências dos usuários. Para exercerem com liberdade suas diversas “interatividades” eles têm de se conectar às grandes redes e infra-estruturas, as quais não administram nem controlam, nem tampouco criam. Assim, a assimetria que já caracterizava as dependências anteriores entre os usuários das velhas mídias, como os telespectadores, e os donos da indústria da televisão agora muda de cor e de estilo, mas não desaparece. (OROZCO, 2006, p. 87)

Essa mudança perceptiva sentida pela audição sugere um deslocamento desse usuário do ambiente imediato por receber sinais e signos acústicos de fontes sonoras de um outro ambiente acústico, de um outro espaço sonoro, e modula em sua mente um fluxo complexo de sensações acústicas: uma metáfora.

A percepção de espaço sonoro surge na mente do ouvinte no momento em que ele reconhece alguma das formas acústicas vinculadas à influência do espaço: diferenças coerentes de intensidade, reverberação, direção, etc – ou seja, no momento em que o som proveniente dos alto falantes do rádio, da tevê ou do cinema se transforma em ente acústico⁸. A partir de então, os sons adquirem valor por si mesmos na narração audiovisual, e atuam sobre a percepção como se fossem objetos físicos reais situados no espaço. (RODRIGUEZ, 2006, p. 285)

Turismo Sonoro

O ser humano tem fabricado ao longo dos séculos diversos equipamentos e objetos produtores de sons, principalmente após a industrialização das cidades. Muitos tiveram sua importância, mas depois deixaram de existir. A massa sonora produzida nos grandes centros, mascaram diversos sons que possivelmente também deixarão de existir com o passar dos anos. Sons que já foram marcantes na história da humanidade como o barulho da roda das carruagens pelas estradas de pedra, da datilografia em uma máquina de escrever manual ou o ruído da abertura de uma porta pantográfica de um elevador já não fazem parte da memória auditiva de grande parte das novas gerações. Eles são

⁸ Denominaresmo ente acústico qualquer forma sonora que, tendo sido separada de sua fonte original, é reconhecida pelo receptor como uma fonte sonora concreta situada em algum lugar de um espaço sonoro. (...) Assim, o próprio ato da construção de um ente sonoro desencadeia, também, a construção do espaço sonoro em que está contido. (RODRIGUEZ, 2006, p. 57)

marcos sonoros. É claro, que ainda é possível ouvi-los em lugares específicos do planeta, mas como foram substituídos por outros equipamentos e objetos, deixam de ser reconhecidos, já que é necessário que lhes sejam atribuídos sentidos. A tendência é que com o passar dos anos os seus sons característicos deixem de fazer parte da biblioteca auditiva das novas gerações. Quantos outros sons passarão pelo mesmo processo? Essa ecologia acústica⁹ corre sério risco, não pela extinção de diversos sons que nos são fundamentais – o que de fato acontecerá - mas pelo fato de que algumas pessoas sequer tomarão conhecimento de sua existência por estarem protegidas por suas paredes sonoras. Grande parte dos sons que reconhecemos ou reconheceremos só nos serão possíveis através das mediações o que lhes afasta de seus contextos originais dificultando a identificação de alguns tipos de sons com suas fontes sonoras.

O homem moderno continua a se refugiar em ambientes fechados para evitar os ambientes sumprimidos de vida ao ar livre. Na paisagem “lo-fi” das megalópoles contemporâneas, dificilmente se podem perceber as definições acústicas. (SCHAFER, 2001, p. 302)

Esse desconhecimento empobrece o vocabulário sonoro, dificulta a transmissão de informações e mensagens e atrofia a capacidade criativa estimulada pelo sistema sensorial desse ser humano.

Um ente acústico é um signo, na medida em que é uma forma de expressão que, ao ser reconhecida pelo receptor, desencadeia em sua mente um estímulo específico ao qual está associada. E ao mesmo tempo, essa forma sonora tem um referente concreto na realidade referencial.

(...) As formas sonoras que configuram um ente acústico não têm uma origem arbitrária, como ocorre com o signo linguístico. Na realidade, a forma sonora que atua como significante foi gerada originariamente de modo natural, e estava vinculada de forma objetiva ao ente físico que a produziu com suas vibrações. (RODRIGUEZ, 2006, p. 59)

Considerações Finais

⁹ Ecologia é o estudo da relação entre os organismos vivos e seu ambiente. A ecologia acústica é, assim, o estudo dos sons em relação à vida e à sociedade. Isso não pode ser realizado em laboratório. Só poderá ser desenvolvido se forem considerados, no próprio local, os efeitos do ambiente acústico sobre as criaturas que ali vivem. (SCHAFER, 2001, p. 287)

Neste momento de sobreposições de tempos reais, esse usuário de equipamentos multifuncionais com seu fone de ouvido vivencia uma grande metáfora. Se sente protegido por sua parede sonora e acredita ter o controle que lhe possibilita impedir interferências acústicas que não lhe interessam. Na verdade, “descobriu o que se poderia chamar de áudio-analgésia, isto é, o uso do som como um analgésico, como distração para disseminar a distração” (SCHAFER, 2001). Essa nova forma de circular pelos espaços físicos com a audição desconectada do espaço sonoro reforça a hierarquia dos sentidos, e estabelece a visão como o principal sentido. “Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim”. (GUIMARÃES ROSA, 2008)

Já se registram diversos casos de pessoas atropeladas enquanto usavam o fone ou conversavam no celular e não ouviram o sinal da buzina do veículo. “Quando o som é conduzido diretamente para o crânio do ouvinte pelo fone de ouvido, ele já não está vendo os eventos no horizonte acústico; já não está rodeado por uma esfera de elementos que se movem. Ele é a esfera. Ele é o universo.” (SCHAFER, 2001)

Não se pretende com esse estudo defender a não utilização das novas tecnologias móveis, só se busca compreender as implicações que o possível uso desmensurado pode acarretar aos seus usuários e ao ambiente acústico em que ele está inserido.

Assim como os espaços são afetados pelos sons, também os sons são modificados de acordo com os espaços. O uso do fone de ouvido tira do usuário a referência do volume de sua voz e já é muito comum, principalmente nos transportes públicos, ouvir esse usuário, sem noção da altura de sua voz, conversar aos berros pelo telefone celular interferindo diretamente no espaço sonoro dos demais passageiros.

É importante compreendermos que somos todos compositores e ao mesmo tempo instrumentos de uma orquestração produzida a cada movimento, a cada registro sonoro de nossa vivência pelas paisagens sonoras.

Bibliografia

- ADNews. (05 de 01 de 2012). *10 itens explicam o que os consumidores querem*. Acesso em 06 de 01 de 2011, disponível em ADNews:
<http://adnews.uol.com.br/pt/publicidade/em-10-itens-o-que-os-consumidores-querem.html>
- GUIMARÃES ROSA, J. (2008). O Espelho. In: J. GUIMARÃES ROSA, *Primeiras Estórias* (pp. 119-128). São Paulo: Nova Fronteira.
- JENKINS, H. (2008). *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph.
- MININNI, G. (2008). *Psicologia cultural da mídia*. São Paulo: SESC.
- OROZCO, G. (2006). Comunicação Social e Mudança Tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: D. MORAES, & (org), *Sociedade Midiatizada* (pp. 81-98). Rio de Janeiro: Mauad.
- RODRIGUEZ, Á. (2006). *A dimensão sonora - Da linguagem audiovisual*. São Paulo: SENAC.
- SANTAELLA, L. (2003). *Cultura e Artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus.
- SCHAFER, R. M. (2001). *A Afinação do Mundo*. São Paulo: UNESP.
- Terra. (18 de 11 de 2011). *Estudo: internet móvel contribui para maior eficiência no trabalho*. Acesso em 06 de 01 de 2012, disponível em Terra Tecnologia:
<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5476636-EI12884,00-Estudo+internet+movel+contribui+para+maior+eficiencia+no+trabalho.html>